

DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA E CRÍTICA DESCOLONIAL: REFLEXÕES DE WALTER MIGNOLO

MIGNOLO, W. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Del Signo, 2010, 126 p.

Resenhado por Tiago Ribeiro*

O livro *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad* (Desobediência epistêmica: retórica da modernidade, lógica da colonialidade e gramática da descolonialidade) é uma obra do professor e pesquisador argentino Walter Mignolo, publicada em 2010, em Buenos Aires, pela editora Del Signo. O autor começa justificando a pertinência e a origem do livro, concebido a partir de reflexões engendradas no diálogo com alguns pesquisadores em Ciências Sociais, de diversas perspectivas teórico-metodológicas, em reuniões do grupo de modernidade/ colonialidade, nas universidades de Duke e Carolina do Norte, no ano de 2004.

Ao longo dos quatro capítulos do livro, desenvolvidos em 126 páginas, Mignolo se desafia a pensar a questão: *que transformações são necessárias à teoria crítica se o gênero, a raça e a natureza se incorporaram plenamente no marco conceptual e político?* (p. 8). A partir de tal interrogante, problematiza modos hegemônicos de pensar o social, o político, o econômico e o cultural, buscando demonstrar a inegável parcialidade que fundamenta tais concepções – inelutavelmente delineadas desde o ponto de vista ocidental/europeu branco, masculino, cristão e heterossexual.

No primeiro capítulo, intitulado *Desprendimiento epistemológico, emancipación, liberación, descolonización* (Desprendimento epistemológico,

* Mestrando do PPGEdu/UNIRIO. Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa: Práticas Educativas e Formação de Professores (GPPF) e da Rede de Formação Docente: Narrativas & Experiências (Rede Formad); trsunirio@gmail.com

emancipação, libertação, descolonização), Mignolo reflete acerca do que chama de *colonialidade do poder*, processo que estaria ligado a cinco domínios:

- a) controle da economia;
- b) controle da autoridade;
- c) controle da natureza;
- d) controle do gênero e da sexualidade;
- e) controle da subjetividade e do conhecimento.

O autor sustenta que a colonialidade do poder tem agido, desde a construção da modernidade sob prisma europeu, no sentido de criar diferenças e utilizá-las como justificativa para a inferiorização, colonialização e subalternização de povos e culturas – como no caso dos índios, negros, judeus, otomanos, etc. Ademais, por se forjar no campo da enunciação, tal fenômeno criaria, em relação a estes próprios povos e culturas, subjetividades colonizadas epistemologicamente, motivo pelo qual o livro visa à discussão de alternativas descoloniais: processos que possibilitem a desconstrução de uma verdade única sobre a história do mundo; portanto, trazendo outras histórias múltiplas, invisibilizadas e/ou apagadas pelo metarrelato europeu sobre a história; descortinando outros pontos de vista e, sobretudo, desinvisibilizando a lógica colonial fundante da narrativa única do mundo e de sua ação enquanto formadora de “pensamentos únicos”.

Todavia, é no capítulo seguinte (dois) – *La retórica de la modernidad y la lógica de la colonialidad* (A retórica da modernidade e a lógica da colonialidade) – que Walter Mignolo se detém na discussão mais detalhada acerca da matriz colonial de poder e suas nuances, embora seja algo que perpassa todo o livro. Neste capítulo, o autor alude ao esforço da lógica da colonialidade em buscar a formação de uma *monocultura de pensamento* (p. 24), a qual atinge tanto os “povos colonizados” quanto os “povos colonizadores” (ocidente europeu e, mais tarde, estadunidense, em certa medida), cujas mentalidades atenderiam a um mesmo “pensar único”, razão pela qual, na opção/desafio descolonial, *não se trata apenas de descolonizar o colonizado, mas também (e talvez fundamentalmente) o colonizador, que é quem tem as rédeas do controle da economia e da autoridade* (p. 22-23).

Ainda no segundo capítulo, Mignolo busca desnudar a condição da modernidade (europeia) enquanto modo de vida social, como uma alternativa de ser/estar/habitar o mundo, e não a única alternativa possível. Consoante o autor, a opção (de configuração social) europeia somente alcança lugar de modelo a ser

seguido e a partir do qual as demais possibilidades de existência no mundo serão rotuladas/estigmatizadas/hierarquizadas porque é desde a visão europeia (por relações de força) que o mundo será narrado; visão a qual não considerará outro ponto de vista a não ser o seu: aí se manifesta a matriz colonial – *uma autolegitimação que indicará quais os caminhos para salvar a humanidade* (p. 45).

No terceiro capítulo – *La colonialidad: el lado más oscuro de la modernidad* (A colonialidade: o lado mais obscuro da modernidade) –, o autor analisa a inextrincável ligação entre modernidade e colonialidade, sendo esta constitutiva daquela. Suas reflexões se desenvolvem no sentido de desestabilizar certezas que perfazem a modernidade como modelo uno e apontam para outros modos de existir no mundo como contemporâneos ao padrão europeu, explodindo, portanto, a imagem do “bárbaro”, do “atrasado”, do “subdesenvolvido” e do “não civilizado” como aqueles que ainda não conseguiram galgar o modelo padrão de civilização. Não obstante, Mignolo sublinha o fato de que este modelo é também parcial e obedece a uma geopolítica à medida que *se é e se sente onde se pensa* (p. 47). Logo, não é natural a divisão do mundo tal como aprendemos a conceber (Norte/Sul, onde a Europa figura, não por acaso, o centro do Globo). Antes, tal divisão é uma produção histórica, social e cultural que atende a relações de forças, embasadas e definidas mediante uma matriz colonial de poder, a qual tenta ocultar que *a modernidade é a época histórica narrada como tal por corpos que a habitam e estão em condições de dizer* (p. 57).

Por isso, a *gramática da descolonialidade* persegue a possibilidade de mostrar que o mundo é constituído por muitos mundos e que, na verdade, a modernidade foi antes uma *transmodernidade*, simplificada e negada por interesses e tradições imperiais e coloniais de uma cultura específica que, para exercer a dominação, inventou estas próprias tradições.

Essa discussão é ampliada no quarto e último capítulo – *Prolegómeno a una gramática de la descolonialidad* (Introdução a uma gramática da descolonialidade) –, no qual Mignolo alinhava suas reflexões e ensaia o esboço do que chama de gramática da descolonialidade: uma prática que *começa por reconhecer, em primeiro lugar, que a colonização do saber e do ser tem se constituído em utilizar o conhecimento imperial para reprimir as subjetividades* (p. 112).

Conforme o autor, o ponto de costura entre os cinco domínios, já citados, da matriz do poder (econômico, político, da natureza, do conhecimento e subjetividade e do gênero e sexo) é a enunciação: na enunciação se (con)formam subjetividades favoráveis à colonialidade do saber e do ser. Por isso, é nesse cam-

po que se precisa travar o embate descolonial. Desse modo, trata-se menos de tomar de assalto o poder político, mas, antes, de assaltar o conhecimento e pôr em xeque o poder epistemológico – tarefa na qual a educação pode exercer um papel muito significativo.

Diante das reflexões engendradas pelas problematizações tecidas ao longo do livro, pode-se dizer que *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad* tem muito a contribuir com o debate no campo da educação, da cultura, pois revela nuances e configurações de poder e colonialidade que se escondem por detrás de conhecimentos muitas vezes tomados como neutros e em discursos hegemonicamente produzidos e naturalizados. Walter Mignolo nos convida a desconfiar de nossas certezas mais incontestáveis, forjadas por uma determinada estética de pensamento, e nos desafiar a, ocupando e situando-nos no lugar de latino-americanos, pensar/produzir/desnudar imagens de outro mundo possível: um mundo plural onde espaço e tempo sejam dimensões que, em vez de justificar a colonialidade, reforcem a compreensão da coexistência, da contemporaneidade e da pluralidade de culturas e modos de ser/habitar no mundo.

Recebido em 30 de maio de 2012

Aceito em 7 de janeiro de 2013